

## **algumas Memórias de um Oficial miliciano que honradamente serviu Portugal na Província Ultramarina da Guiné**



*Entrei para o Convento de Mafra como Soldado Cadete na 2ª incorporação do ano de 1967, mais precisamente no dia 10 de Abril. Escolhi esta incorporação para não apanhar os rigores do Inverno dentro daquele grande Convento.*

*O choque da entrada foi grande, passar de civil a militar não é fácil. Após a entrada só podíamos sair depois de saber marchar, conhecer as patentes e saber fazer a continência. Aquela primeira semana parecia que nunca mais acabava.*

*Na parte de trás do Convento, na grande parada formava-se o Batalhão de Instrução. O seu Comandante era o Major Rocha que passava o tempo a dizer: comigo não há figos. Devia estar apanhado pelo clima de África nalguma Comissão de serviço que lá devia ter feito. Encontrei-o mais tarde na Messe de Bissau e logo lhe perguntei: então meu Major não há figos? Comigo não há, respondeu ele de seguida.*

*O Comandante da Companhia era o Capitão Ferro com quem nunca mais me cruzei. O adjunto do Comandante era o irrequieto Ten Garcia Lopes, a quem voltei a encontrar na Guiné a comandar uma Companhia de Comandos.*

*O nosso Instrutor era um rapaz da nossa idade, o Alferes Leonel de Carvalho sempre muito apumado. Vi-o na televisão já como Coronel, a comandar as forças militares que estavam na Ponte 25 de Abril aquando do grande bloqueio de 1994. Coitado, deve ter passado por situações muito desagradáveis.*

*Uma vez passada a primeira impressão, entramos na rotina de um quartel. Há horas para tudo, no fundo também nos educa e auto-disciplina.*

*Recordo aqui alguns momentos que me custaram bastante. O primeiro foi a dor que me causou nos tímpanos o estampido que a G3 dava quando fazia fogo. Até nos habituarmos, aqueles primeiros momentos passados na carreira de tiro eram dolorosos. O segundo foi o lançamento de uma granada de mão também na carreira de tiro. Só olhar para a granada me metia medo, quanto mais agarrá-la, tirar-lhe a cavilha e lançá-la. Foi o Ten Garcia Lopes que me acompanhou. Disse-me: agarra a granada com a mão direita, tira a cavilha de segurança com a esquerda e lança-a, vê onde a granada cai e depois é que te metes no buraco. Assim foi, mas não foi fácil.*

*O terceiro foi o campo de obstáculos que havia na Tapada Real, a que chamávamos a Aldeia dos Macacos. Havia dois obstáculos que eram difíceis de vencer. No fundo, o propósito era o de nos libertar dos medos e de nos vencermos a nós próprios. Um deles era o salto ao galho. Este obstáculo era constituído por uma plataforma que ficava elevada a uns três metros do chão. Na frente da plataforma, a uma distância de um ou dois metros, estava um poste que tinha no topo um galho. Tínhamos, portanto, de nos lançar para o galho. Se falhássemos caíamos, agarrados ou não ao poste.*

*O outro obstáculo era o pórtico. Era constituído por umas vigas que faziam um quadrado, que tinha uma largura de 40 cm e estava a uma altura do chão de 6 metros. Tínhamos de subir por uma corda, trepar para a viga, fazer o perímetro e descer pela mesma e única via. Outro era o trabalho de estrada. Uma vez por semana fazíamos este exercício: íamos a correr de Mafra ao João Franco no Sobreiro e regressávamos. As subidas eram feitas em passo rápido, o resto do percurso a correr com as belas botas que nos enchiam os pés de bolhas, mais os 3.9 kg da G3 que levávamos às costas.*

*O Dia da Infantaria é o dia 15 de Agosto. Este dia representa a vitória da Infantaria (rainha de todas as batalhas) no célebre quadrado da Batalha de Aljubarrota em 1385 realizado por Dom Nuno Álvares Pereira. Naquele momento, Dom Nuno implorou a protecção de Nossa Senhora. Em seu louvor foi construído o Mosteiro da Batalha.*

*Durante a batalha, Dom Nuno e os Soldados passaram tanta sede naqueles dias de Agosto que, simbolicamente, Dom Nuno mandou lá colocar uma bilha com água que está junto a uma pequena capela, para mais ninguém ter sede naquele local.*

*Esta vitória representa também e acima de tudo a força de vontade popular (Infantaria) contra a aristocracia espanhola (Cavalaria) e, de um certo modo, também contra a Aristocracia Portuguesa vendida aos espanhóis.*

*Foi feito um convite aos Cadetes para ir até Fátima pelo dia 13 de Agosto. Fomos alguns fardados como Cadetes, acompanhámos o Andor de Nossa Senhora. Terminada a cerimónia fomos todos dormir para casa de um rapaz nosso colega que tinha a sua quinta perto de Ourém. Uns dormiram em camas e outros no chão.*

*Foi uma noite passada cheia de alegria com o José Megre a animar o serão, a contar as suas histórias das corridas de automóvel por que tinha passado em Inglaterra. É um excelente contador de Histórias.*

*Tudo se passou. Aquele Convento de Mafra era sem dúvida uma fábrica de Oficiais.*

*Passado este período sou enviado em Setembro para Elvas, para o BC8 já graduado como Aspirante a Oficial Miliciano.*

*Aí dei instrução a duas incorporações de Soldados. Foi um trabalho gratificante mas duro, pôr rapazes com os músculos viciados no trabalho manual do campo, a marchar e a manusear as armas.*

*Elvas era uma cidade bonita e o Quartel estava instalado num antigo convento dentro das muralhas da cidade junto à porta poente. Dali se avistava o Forte de Elvas, prisão militar para os desertores.*

*O Forte não tinha água canalizada. Eram os reclusos que diariamente iam buscar água à fonte, que ficava no exterior. O transporte da água era feito numas barricas que eram carregadas às costas. Houve muito boa gente que se ofereceu para pagar o custo da instalação de uma canalização. Os reclusos porém sempre se recusaram pois era uma maneira de diariamente sair das suas celas. Fui visitar o Forte uma vez, impressionou-me muito.*

*Como o nosso Quartel era na cidade, a carreira de tiro estava bem fora das muralhas. Aí dávamos instrução de tiro aos Soldados. Como se usavam munições reais, os procedimentos na carreira de tiro eram muito severos. Os Soldados eram colocados em linha e à ordem carregavam as armas com as munições, apontavam e disparavam, ora deitados, ora em pé, para os alvos que estavam na barreira. Todos estes procedimentos eram feitos à ordem de comando.*

*Um dia, depois de eu dar a ordem de fogo, um Soldado roda, vira-se com a arma apontada para mim e premindo o gatilho diz: meu Aspirante, a arma não dispara. Nossa Senhora me salvou. A arma estava travada.*

*No fim de cada incorporação havia exercícios finais que realizávamos no campo.*

*Os exercícios finais da primeira incorporação a que dei instrução em Elvas coincidiram no mês de Dezembro. Fomos a pé desde Elvas até aos arredores de Santa Eulália. Aí montámos o bivaque, nome que se dá à disposição das tendas pela sua forma geométrica.*

*Cada homem levava um pano de tenda. Cada tenda, ou bivaque, era montada por um grupo de três homens. Arranjavam-se duas estacas. Um pano de tenda fazia uma água, o segundo a água oposta e o terceiro pano fazia o fecho de um dos lados e cobria o chão. Os panos eram ligados por cordas que passavam pelos olhais. A parte aberta ficava obviamente virada contra o vento. Naqueles três dias que dormimos no campo passei o maior frio da minha vida. De manhã as poças de água estavam geladas.*

*No BC8 fiz lá dois grandes amigos, ambos também Aspirantes. Um era o Sobreiro a quem nunca mais vi e o outro o Baptista do Porto que, embora tenha também seguido para a Guiné, nunca mais me cruzei com ele.*

*De Elvas segui para o Polígono de Tancos para a especialidade de Minas e Armadilhas. Aí passei um tempo agradável. As formalidades militares estavam reduzidas ao mínimo. Na Porta de Armas, do Centro onde tínhamos instrução, costumava lá estar um Praça de vez em quando, não era sempre. Ali aprendi a manusear todos os tipos de explosivos e detonadores com o maior à vontade. Perdi o medo mas não o respeito àquele material. Frequentemente visitávamos os nossos vizinhos pára-quedistas que nos recebiam sempre da melhor maneira. Várias vezes nos convidaram para saltar da Torre, mas não tiveram voluntários.*

*De Tancos segui para Abrantes onde fomos formar o nosso Batalhão.*

*A minha companhia era a 2405 comandada pelo Capitão miliciano Jerónimo, natural de Lourenço Marques. Quanto a Alferes havia o David e o Felício, para além de mim. Eram ambos de Coimbra e, como tinham andado nas greves estudantis, passaram por Lamego para tirar o curso de operações especiais. Coitados, penaram bem por lá.*

*Por último o Alferes Rijo, que passou a ser o primeiro por questões de antiguidade (na tropa a antiguidade é um posto) e veio substituir um rapaz que deu baixa. Antes de começar a guerra já estava cansado.*

*Quanto a Furriéis havia-os de todas as proveniências, mas muito amigos. No que diz respeito aos Soldados, eram na sua maioria beirões, leais, sãos e generosos. Tínhamos ainda dois Sargentos.*

*O Médico que mais tempo nos acompanhou foi o Carlos Pereira Alves, hoje famoso cirurgião nos Capuchos. Era e é um grande amigo.*

*Por último tínhamos o Capelão, o Padre Zé que era da nossa idade. Costumávamos meter-nos com ele, por causa das revistas de toda a espécie que por lá apareciam. Nunca mais soube dele.*

*Ali começou a fase de adaptação de uns aos outros. Uma Companhia de Caçadores é constituída por quatro grupos de combate. Cada grupo de combate era comandado por um Alferes e era dividido em três secções. Cada secção era constituída por nove homens e comandada por um Furriel.*

*Quanto a armamento, cada homem tinha uma espingarda automática G3 e cada secção tinha uma arma pesada. A primeira secção tinha uma G3 com cano reforçado HK, a segunda secção tinha um morteiro 60 mm e a terceira secção tinha um cano de lançamento de granadas de bazuca. Veio a provar-se depois na Guiné, devido à densa vegetação, que a melhor de todas as armas era o dilagrama. O dilagrama era um sistema que se adaptou à G3. Colocava-se na G3 uma munição sem projectil e no topo do tubo da arma colocava-se uma granada de mão apoiada num dispositivo. O disparo fazia de catapulta que lançava a granada de mão a bem uns trinta metros e rebentava em cima do inimigo. Houve muitos acidentes fatais com este sistema, pois os Soldados às vezes colocavam munições com projectil e então a granada rebentava-lhes no tubo.*

*Os meus Furriéis eram o Ferreira da Anadia, o Nogueira de Soure e o Tavares de Pinhel. Eram os melhores. Todos os anos nos vamos reunindo, somos como se fosse uma família. Os almoços que fazemos de confraternização duram quase sempre a tarde toda. À entrada colocamos uma caixa onde cada um põe o valor do almoço. Coloca-se o que se quiser e se se quiser. Sobra sempre dinheiro. Não há gente como esta. Cada ano aparece sempre mais um por efeito de passa-palavra. Neste ano de 1997, o Baptista veio de Paris para estar presente ao almoço. Há alguns em França e na Alemanha.*

*Como o Quartel de Abrantes não comportava com todos os rapazes, a mim e a alguns outros deram-nos um subsídio de pernoita e passámos a dormir na cidade. Na cidade*

*aluguei um quarto na casa de uma senhora viúva, a meias com outro rapaz também Aspirante que já estava mobilizado para a Guiné. Como a nossa vida no Quartel era dura, em virtude da instrução que estavámos a dar aos Soldados, à noite depois do jantar era tiro e queda. Assim que púnhamos a cabeça na almofada não ouvíamos mais nada. Acontece porém que aquele rapaz com quem partilhava o quarto, tinha um dormir muito agitado. Como já estava mobilizado para a Guiné, todas as noites gritava como se já estivesse na guerra. Passados três meses, depois de eu ter sido mobilizado e ele já ter seguido para a Guiné, foi a minha vez de começar a ter noites agitadas que duraram até alguns anos após o meu regresso. Era a rotina dos tempos de guerra.*

*Após termos dado a instrução aos Soldados em Abrantes, lá fomos para o grande Campo de Santa Margarida para tirar o IAO, Instrução de Adaptação Operacional. Santa Margarida era na realidade parecida com aquilo que víamos nos filmes de cowboys. Uma avenida muito larga e comprida com uma Capela ao fundo. De um lado e de outro dessa larga avenida havia enormes quartéis de todos os Ramos do Exército. Estavam lá os carros de combate, a Engenharia, a Infantaria, as Comunicações, o Estado Maior de Brigada, etc. Continuando depois da Capela havia o grande campo de tiro para onde íamos fazer fogo real. Passado o IAO tivemos duas semanas de férias para nos despedirmos da família antes de embarcarmos. Era precisamente neste período de férias que muitos rapazes se aproveitavam do dinheiro recebido do subsídio de embarque, para fugir. Um País não se constrói com aqueles que têm por hábito fugir e na volta, habilmente, dão-lhes uma componente política para se justificar mais perante eles próprios do que perante os outros. Só se tem autoridade para criticar depois do dever cumprido.*

*Sobre este tema deixo aqui uma história: o Comodoro Cunha Aragão era um assanhado oponente de Salazar. Era amigo de meu pai e visita de minha casa. Em 1960 estava a comandar o Aviso Afonso de Albuquerque quando a União Indiana desencadeia a acção militar contra Goa. Quando surge a primeira salva de tiros, proveniente dos navios indianos que deu origem à invasão de Goa, o Comodoro Cunha Aragão agarra nos retratos, de Salazar e Tomaz que estavam no navio, e, atirando-os borda fora, diz: vamo-nos bater por Portugal, não por estes gajos. Este gesto custou-lhe as estrelas de Almirante. Foi ferido em combate, foi vencido mas foi um bravo. Uma coisa é a Pátria, outra são os regimes. Uma coisa é a Alta Política e outra é a baixa política. Hoje não sabemos distinguir uma da outra.*

*No final de Julho de 1968, no Cais de Conde de Óbidos lá embarcámos no Uíge. Seguiram os BCaÇ 2851 e 2852. A largada foi terrível. O barco a afastar-se do cais é muito doloroso para nós, com as carpideiras que para lá eram enviadas para nos desmoralizar ainda mais. Depois do navio largar e passar São Julião da Barra, fomos para o bar à espera que nos chamassem para o almoço. O Major Branco que comandava interinamente o nosso Batalhão, uma vez que o nosso Comandante Ten Cor Pimentel Bastos já tinha seguido de avião, perguntou ao nosso Capitão: embarcaram todos os rapazes? O Capitão respondeu de*

*imediatamente: sim sim, meu Comandante. Ele sabia lá! Em conversa com o Cap Medina, que comandava uma Companhia do outro Batalhão que seguia conosco e estava a partir para a sua segunda comissão, disse algo de que nunca me esqueci: a alegria do regresso quase que compensa a tristeza da partida. Na realidade foi bem assim.*

*Durante os cinco dias que se seguiram o ambiente a bordo não podia ser o melhor. Conversávamos muito uns com os outros enquanto passeávamos ao longo do tombadilho. O nosso espírito era unânime. De política nada sabíamos. Sabíamos apenas que aquela ida para África era o preço que tínhamos de pagar para ter um lugar na sociedade. E se na vida tínhamos de passar sacrifícios então iríamos passá-los de uma assentada para o resto da vida. A defesa do Ultramar para nós, naquela altura era uma coisa que não nos dizia directamente respeito nem nos apercebíamos que África era fonte de abastecimento das nossas matérias primas. O que é que íamos defender na Guiné, território que estava rodeado de países francófonos? A população estava dividida por várias etnias, a função pública era ocupada por caboverdeanos, os comerciantes eram senegaleses e a religião dominante a muçulmana. Portugueses europeus não os havia por lá.*

*Chegámos a Bissau nos primeiros dias de Agosto. Depois de uma noite mal dormida e cheios de picadas de mosquito, lá fomos para os Adidos em Brá. Os dois Batalhões formaram na grande Parada e o então Brigadeiro Spínola passou revista às tropas e fez a sua saudação.*

*Spínola tinha chegado há pouco tempo à Guiné e esta foi a primeira cerimónia deste género que realizou. Acabadas as cortesias ouviu-se o Toque a Oficiais e vamos para um briefing. Reunimo-nos numa sala pequena. Nós os chegados fomos sentando em várias filas de cadeiras. À nossa frente estava uma pequena mesa onde se sentou ao centro o Brig Spínola, Governador e Comandante-Chefe da Província, à sua direita o Brig Nascimento 2º Comandante Militar e à sua esquerda o Comandante Militar Brig Novais Gonçalves, que já estava no fim da sua Comissão.*

*Não me recordo do teor do discurso proferido por Spínola, mas deve ter sido no sentido de apelar ao nosso patriotismo e responsabilidade na condução dos homens que tínhamos à nossa guarda. Após o discurso veio cumprimentar-nos um a um. Quando chegou a minha vez eu estava altamente perfilado, pois nunca tinha cumprimentado alguém com tantas estrelas nos ombros. Duas eram de Brigadeiro e as outras quatro de Comandante-Chefe, em ambos os ombros. Ele põe-se em frente de mim, cumprimenta-me e eu também e, à queima-roupa, diz-me: você tem sorte. Eu, sem saber bem o que me esperava, digo muito timidamente: porquê, meu Comandante? Porque quando começar a ouvir os tiros, já está mais perto do chão. Também tinha humor. A meu lado estava o Alferes Felício, que é uma viga e que a meu lado ainda parece maior. O nosso Comandante-Chefe diz-lhe o inverso: você que se cuide. Realmente aquele homem com a sua voz rouca e arrastada, de luvas, com monóculo e o pingalim, impressionava qualquer um. A imagem de bravura que transmitia correspondia à sua maneira de ser. Nele tudo era verdadeiro e genuíno.*

*Seguimos finalmente para Mansoa em coluna. Como ainda não estávamos armados, nos sessenta quilómetros que se seguiram íamo-nos perguntando: e se houver ataque à coluna, como é?*

*Mansoa era uma terra importante com ruas alcatroadas. Durante essa primeira noite o Batalhão que lá estava, o 1911, simpáticos fizeram uma salva de artilharia à noite para ver a reacção dos periquitos (alcunha dos recém chegados).*

*Logo na primeira semana em Mansoa dei por outra situação semelhante à que tive em Abrantes com o meu colega de quarto. Um belo dia estávamos a almoçar na Messe e, na cozinha que ficava junta, alguém fechou com força a tampa de uma arca frigorífica. Um Alferes do 1911, portanto já com algum tempo na Guiné, dá de repente um salto e faz menção de correr para o abrigo. Pergunto-me: o que se passa? O barulho seco do fecho destas arcas frigoríficas era semelhante ao da saída de um tiro de morteiro. Aquele rapaz ouviu o barulho e saltou, como um reflexo condicionado. Passado pouco tempo isto começou a acontecer com quase todos nós e manteve-se ainda muito tempo depois de termos regressado de vez. O nosso estado de alerta era uma constante.*

*O clima era horrível. No Verão havia calor e chuva todos os dias. O Inverno era quente e seco. Foram dois anos a dormir só com um lençol. Muitas saudades tive do peso e do calor do cobertor da minha cama. À noite os mosquitos eram às nuvens, não se podia dormir. Era um suplício.*

*A vegetação era luxuriante, cheia de vários verdes muito bonitos. Tudo crescia e se desenvolvia desordenadamente. A Guiné era rica em madeiras exóticas. Naquele tempo não havia o cuidado de cortar e plantar ordenadamente a floresta para explorar a madeira. A mãe natureza era generosa naquela terra. Quanto a animais selvagens só vi gazelas, macacos e gibóias. Todos os que por África passaram, trazem saudades da sua mística. Quanto a mim tem a ver com dois factores. Um é o espaço: há espaço e oportunidades para todos. Não há pressas. Neste ambiente a inter-ajuda e a solidariedade são infinitas e com elas vem o convívio e a amizade. As amizades de África são para a vida e para a morte. O outro factor é o clima. O dia quando nasce, nasce com toda a sua pujança e exuberância e a natureza desperta de repente. O pôr do sol cheio de cores quentes, é o inverso. A natureza adormece na sua paz também quase de repente. É o melhor momento do dia. Era durante este período que tomávamos banho, púnhamos roupa à civil e íamo-nos sentar nas cadeiras de lona no exterior da Messe, a beber um aperitivo e a conversar. Era um ritual. Era no meio deste ritual que aparecia o Sargento-de-dia com um Praça. O Soldado trazia um tabuleiro com prova do rancho dos Soldados. Dava-o a provar ao Oficial-de-dia e ao Comandante. Muitas vezes era melhor e tinha melhor apresentação que o nosso. Era mais um ritual.*

*Durante os cinco meses que estivémos em Mansoa a nossa vida foi um frenesim, embora tenha sido o único período em que tivémos luz eléctrica. O resto da comissão foi feita à luz do petromax.*

*Saíamos quase todos os dias, ora em colunas ora como escoltas, outras vezes em operações, outras ainda em patrulhamento, emboscadas ou como protecção à capinagem, eu sei lá, fazíamos de tudo. Na maioria das vezes, a nossa segunda farda não chegava a secar da saída anterior e lá íamos com a roupa molhadinha colada ao corpo.*

*O sacrifício era muito. Vou contar uns episódios dos muitos que por lá passámos.*

*Após a nossa chegada a Mansoa foi-nos distribuído o material de guerra. Já armados fomos para uma bolanha, nome que se dava a um grande charco de água que enchia com a chuva. Esta bolanha ficava para além de uma Companhia de Balantas que fazia a protecção do nosso Quartel. Naquela zona de Mansoa sair fora do arame farpado tinha riscos.*

*Este exercício tinha como objectivo habituarmo-nos a estar debaixo de fogo. Deita-se um grupo de combate e por cima deste faz-se fogo. Aconteceu que logo no primeiro exercício, quando estava o primeiro grupo de combate deitado, há um disparo que sai mais baixo e vai ferir em ambas as pernas um Soldado. Depressa foi chamada uma viatura para o levar rapidamente para o Hospital. Para aquele rapaz a comissão terminou ali. Este acidente foi muito desmoralizante para os restantes e mais nenhum outro exercício foi feito. Perguntei-me nessa altura como iria sair dali.*

*Um belo dia o meu grupo de combate estava encarregue de levar e proteger os homens que iam limpar do capim, uma faixa grande de ambos os lados da estrada. Assim evitávamos que tivéssemos emboscadas coladas à picada. Dirigimo-nos para o local de trabalho em duas viaturas. Parámos precisamente no sítio onde tínhamos terminado o trabalho no dia anterior, ou seja ainda na zona já descapinada. Quando parámos saltaram do capim alguns elementos IN para a estrada. Fizemos fogo, eles fugiram e não responderam. Se tivéssemos parado 50 metros mais à frente tínhamos caído na emboscada. Recuperados da emoção, os homens começaram o seu trabalho e eu dirijo-me para um tronco de árvore que estava caído, para me sentar. Ao aproximar-me do tronco este mexe-se. Era uma gibóia com sete metros de comprimento. Enfiei-lhe um carregador em cima e ela continuava bem viva. O Cabo enfermeiro Luís agarra num tronco de um ramo verde e, pondo-se à frente dela, bate-lhe continuamente na cabeça até a cobra se ver perdida. Uma vez perdida, morde-se a ela própria para não se humilhar à mão do enfermeiro Luís.*

*Durante as muitas operações de patrulhamento que fazíamos, tivémos numa delas o nosso baptismo de fogo. Depois de termos passado o dia a andar, parámos para passar a noite. Íamos a nível de Companhia. Ao levantarmo-nos, de madrugada iniciámos o regresso. Estava muito húmido. Por cima de nós estava o PC em DO para controlar a nossa progressão. O PC era o nome que dávamos ao Posto de Comando e o DO era um monomotor da Força Aérea, mais precisamente DO-27. Em determinadas operações um posto de comando era enviado para controlar a progressão da força no terreno e para ter a certeza que esta atingia o objectivo da operação.*

*Era a maneira evoluída e mais humana do que se fazia nas guerras convencionais de trincheira. Quando se pretendia fazer um avanço em linha nas forças inimigas a estratégia*

era a seguinte: a artilharia bombardeava durante três dias as trincheiras inimigas para as aniquilar fisicamente, criar um clima de terror e de ansiedade no inimigo destruindo-o psicologicamente também, dado que não tinham descanso naqueles dias. De seguida dava-se ordem às nossas tropas para avançar. Imediatamente a artilharia passava a bombardear as nossas trincheiras, para ter a certeza que ninguém ficava para trás.

Hoje do ponto de vista comercial, os técnicos das mais avançadas empresas de Silicon Valley dizem: obtém-se o que se inspecciona, não o que se espera. Este assunto já vem descrito na Sagrada Bíblia. Só depois do dono da seara mandar aparelhar o cavalo é que as cotovias dizem umas para as outras: agora sim irmãs, é hora de irmos embora. Mandar os criados não basta, é preciso acompanhá-los.

De repente ficámos debaixo de um grande tiroteio com a irritante costureirinha, assim lhe chamávamos à PPSH do inimigo a bater por cima de nós. Era uma arma automática que tinha uma maneira muito característica de fazer fogo. Instala-se a surpresa e o medo. Quando a nossa resposta se inicia o medo desaparece, passamos a dominar a situação e vá de levantar e sair rapidamente da zona de morte. Depois de tanto barulho, tiros e granadas, pensamos que haverá alguns mortos e feridos. Nada disso. Nada aconteceu. Nossa Senhora vai-nos protegendo. Quando isto acontece na segunda vez notamos que é quase impossível haver vítimas e é então que se instala a confiança.

Havia pois três períodos distintos durante a Comissão. O primeiro, o da chegada era o do medo do desconhecido, o medo de não sabermos controlar as situações que nos apareciam. O segundo era o da autoconfiança em que nos considerávamos os maiores. Nada nos intimidava. O terceiro era a fase final, era o pior pois a pouco tempo do embarque e já com a comissão prestes a acabar tínhamos medo que algo nos acontecesse. Era a fase do tirem-me daqui.

Todos os dias havia uma coluna que ia a Bissau e que era acompanhada por um grupo de combate para protecção dos carros. Na volta a coluna formava-se junto ao Hospital Militar. Sempre que eu ia a Bissau costumava subir à enfermaria dos oficiais para saber se lá estava alguém conhecido. Numa dessas vezes entro e vejo um rapaz amigo, o Alvarez. Tinha entrado comigo para Mafra. Naquela altura ele tinha um DKW que se via aflito para subir a Ladeira de Cheleiros. Era Alferes dos Comandos e numa operação no Sul, contou-me ele, ia em terceiro lugar e deu de caras com o inimigo, num trilho. Depois da troca de tiros, há uma granada de bazuca do inimigo que explode nas árvores e os estilhaços choveram sobre ele. Coitado, estava todo esburacado. Depois de várias operações, ficou bom e é hoje um dos melhores comandantes da TAP. Já tive a sorte de voar com ele uma vez.

A nossa ida ao santuário do inimigo no Morés: durante uma semana a Força Aérea tinha estado a bombardear os objectivos. Após este bombardeamento organizou-se uma grande operação formada por várias Companhias. Umas iam pelo norte e outras pelo sul. Nós saímos de madrugada, de Mansabá conjuntamente com outra Companhia depois de uma noite dormida no chão em quartel alheio. Logo depois de sairmos dei por falta de um

*Soldado. Até ao fim da operação fiquei sem saber o que se tinha passado com ele. Tinha ficado para trás no bem bom. O susto e a responsabilidade foram grandes. Para esta operação a Força Aérea tinha deslocado muitos meios, DO e helis. A meio do dia tivemos contacto com o inimigo. Depois do tiroteio perdemos o contacto com os nossos da frente e eu fico para trás com apenas uma secção e alguns africanos. Para nossa salvação, tínhamos ficado com o banana, nome que dávamos ao rádio que fazia a ligação à Força Aérea. A curta distância vimos passar o inimigo com as armas às costas, a fugir. Nem eles nem nós fizemos fogo. Passados estes momentos seguimos um trilho que julgávamos ser o da Companhia. Um africano disse logo: por aí não Alfero que é caminho de turra. Vejo-me perdido. Agarro no banana e, sem saber os códigos, chamo a Força Aérea: atenção heli, aqui tropa à rasca. Instantes depois Nossa Senhora mandou-nos o nosso Anjo da Guarda na forma de um heli. Acenámos e pedimos via rádio para voar em círculo por cima do local onde estava a Companhia. E foi assim que nos juntámos a eles. Logo de seguida vá de sair dali, uma vez que estávamos localizados. Durante toda a noite andámos pelo mato denso com os mosquitos agarrados aos ouvidos e com os ramos que os da frente afastavam, a bater-nos continuamente na cara. Foi um suplício de noite. Só parámos na estrada que ligava Mansabá a Mansoa. Deve ter sido a noite mais penosa que passei na minha vida. Havia na estrada entre Mansoa e Mansabá um aquartelamento a nível do grupo de combate perto de um trilho inimigo, que passava perpendicular à estrada, chamado Cutia. Era uma zona perigosa. Um belo dia mandaram-nos a nível da Companhia fazer uma emboscada durante toda a noite nesse trilho, para criar insegurança ao inimigo. Foi um pesadelo de noite. Choveu toda a noite, ficámos molhados até aos ossos e com os mosquitos a morder-nos os ouvidos o tempo todo. Se o inimigo por lá tivesse passado, teria sido um desastre. Hoje vejo rapazes a perder noites em discotecas, com toda a ligeireza. As operações ou patrulhamentos tinham como objectivo manter o inimigo em respeito e longe das nossas posições. Em Mansoa nunca perdemos a nossa capacidade ofensiva. Saíamos normalmente do quartel para as operações pela meia noite. Quando estávamos no melhor do sono vá de levantar. Passávamos a noite toda a andar, dormíamos mais uma noite no mato, e regressávamos cheios de fome e de sede no dia seguinte. Aquelas noites no mato eram o pior que podíamos ter, ora os mosquitos ora as formigas não nos davam descanso. Se tivéssemos a azar de pisar um formigueiro, estas subiam-nos pelas pernas acima e mordiam-nos todos. Tínhamos de nos despir e retirar as formigas o melhor que podíamos. Isto, é claro, sempre sem fazer barulho e às escuras. Há histórias de soldados que se queixaram de sentir cobras a passear-lhe por cima enquanto estavam deitados à noite.*

*Como calçado tínhamos umas botas de lona com piso de borracha, que se desgastava rapidamente. O pé andava sempre à vontade. Calçar novamente sapatos de couro era uma tortura para os pés.*

*Depois de cinco meses de Mansoa em Chão Balanta fomos mandados para leste, para o Chão Fula. O leste da Guiné era quase um planalto, a vegetação não era tão densa e o clima era menos húmido.*

*Como a estrada de Mansoa para Bafatá estava cortada por acção do inimigo, só podíamos lá chegar ou por avião ou pelo rio. Foi posta à nossa disposição uma LDG, lancha de desembarque grande, e lá fomos rio acima. A hospitalidade do pessoal da Marinha deixava sempre muito a desejar. A lancha acostou ao Xime e o resto do caminho fomos em coluna para Bambadinca. Sempre que se formava uma coluna neste itinerário, a Companhia do Xime saía para fazer protecção lateral.*

*Chegámos a Bambadinca à noite cheios de fome e de sono, e lá dormimos já nem sei como. No dia seguinte mandaram-nos para um quartel próximo, Fá Mandinga onde descansámos enquanto aguardávamos novas ordens.*

*Deixo aqui uma história curiosa. Bambadinca ficava num ermo, de um dos lados descia para o Rio Geba e na outra margem ficava uma grande bolanha. Para protecção avançada, estava nessa bolanha um grupo de combate de tropa africana comandado pelo Alferes Beja Santos, que vinha connosco desde Mafra. Estavam instalados num aquartelamento de reduzidas dimensões. Tinham uns abrigos mas dormiam em tabancas, nome que era dado às casas construídas pelos nativos, que tinham telhado de colmo.*

*Numa bela noite o nosso Beja Santos sofreu um ataque em que o inimigo, para corrigir o tiro, fez fogo com munições tracejantes. Como resultado o colmo incendiou-se e o pessoal perdeu todos os seus haveres com o fogo. No dia seguinte aparecem na sede do Batalhão o nosso Beja Santos com alguns dos seus homens, todos em cuecas. Era assim que estavam quando tinha começado o ataque.*

*Como a guerra ainda não se tinha alastrado ao leste, era intenção do comando de Bafatá reordenar a população e constituir núcleos de autodefesa. A ideia era brilhante, cativou a população mas não alterou em nada o curso da guerra.*

*Com este objectivo a nossa Companhia foi enviada para Galomaro e aí abriu em estrela. Cada grupo de combate foi enviado para um local diferente, para organizarmos as tabancas em autodefesa. Galomaro era uma terra pequena. Tinha um armazém abandonado de recolha de amendoim, que foi utilizado como caserna. Tinha também umas casas onde outrora eram recolhidos os leprosos, doença completamente irradiada, e tinha ainda uma casa comercial de um libanês o Sr. Regala.*

*Ao meu grupo de combate calhou a tabanca de Campata. Ali nos deixou a Companhia por muito tempo e, sem qualquer razão, sem comida. Durante cerca de uma semana praticamente não tínhamos de comer. Dizia-me um Soldado: meu Alferes, a fome é negra! Em face disto fomos subtraindo galinhas e cabritos à população, que não queriam vender por ser o único meio de subsistência que tinham. Na falta do rádio e como não apareciam instruções da Companhia, eu e outro rapaz metemo-nos à estrada de bicicleta para pedir satisfações na sede da Companhia. Aquela situação trazia créditos para a Companhia pois vencíamos o valor da alimentação e nada recebíamos. Aqueles Sargentos! Mais tarde*

*mandei construir um fomo onde o Baptista cozia o pão que nos sabia pela vida. Foi ali que comecei a sofrer com o isolamento. Nunca gostei de estar a nível do grupo de combate. Um belo dia apareceu um heli: nele vinham o Brig Spínola, o Comandante do Sector Ten Cor Hélio Felgas, o Capitão Almeida Bruno e o nosso Capitão; vinham inspeccionar. A minha atrapalhão foi muita perante tanta gente importante a visitar-nos. Depois de algumas perguntas, respostas e cortesias, seguiram viagem para a tabanca seguinte.*

*Foi em Campata que passámos o primeiro Natal na Guiné. O meu irmão a pedido da minha mãe foi passar o Natal comigo. De avião em avião chegou por fim a Bafatá, onde solicitou autorização ao comando para eu passar aqueles dias com ele em Bafatá. O Ten Cor Banazol que comandava o Batalhão que ali estava sediado, fez deslocar uma autometralhadora Panhard para me ir buscar. Alugámos um quarto e, entre o cinema, os passeios e a Messe, assim passámos o Natal. Bafatá era uma cidade sem guerra, tinha piscina, mercado e algum comércio. E não estava cercada por arame farpado. O meu irmão não dormiu muito descansado naqueles dias. Durante esta curta estada em Bafatá encontrei um rapaz de Fronteira, que tinha sido meu recruta em Elvas.*

*Como na tabanca de Campata não havia electricidade nunca se podia beber nada fresco. E foi assim que comprei um frigorífico a petróleo por 5.000\$. Este frigorífico andou sempre comigo até ao fim da comissão e mais tarde vendi-o pelo mesmo valor a um Furriel da nossa Companhia, que era de Bissau de etnia papel. Para funcionar bem este frigorífico tinha de ter a torcida sempre muito bem aparada e não podia estar queimada. Era uma preocupação permanente. O meu amigo João Saldanha que estava em Bissau na Intendência, sempre me valeu mandando-me as torcidas para substituição. A manutenção do frigorífico e a gestão das bebidas frescas estava totalmente a cargo do meu impedido, o Figueiredo.*

*Madina do Boé ficava junto à fronteira da Guiné-Conacrky. A Companhia que lá estava era flagelada quase todos os dias. Como estavam distantes a sua capacidade ofensiva tinha sido praticamente anulada pelo IN. O Comando-Chefe resolveu retirar aquela guarnição. Para a retirada foi montada uma operação de grande envergadura. Mais uma vez a nossa Companhia foi chamada para tomar parte nessa Operação comandada superiormente pelo então Ten Cor Hélio Felgas. Todas as Companhias que tomavam parte nesta operação se reuniram no quartel de Nova Lamego. Lá chegámos todos por fim, jantámos uma ração de combate e dormimos sabe Deus como. Estávamos em Fevereiro de 1969. Como a operação tinha 10 dias de duração, quando passámos por Bafatá a caminho de Nova Lamego deitei no Correio um aerograma para os meus pais, para não ficarem preocupados com a ausência de notícias durante aquele período. O aerograma era muito singelo e a minha mãe desconfiou de algo. Desde que eu embarcara os meus pais escreviam-me todos os dias, além de outros amigos. Era coisa que melhor nos sabia, receber notícias de casa quando estávamos a sofrer toda aquela adversidade.*

No dia seguinte formou-se a grande coluna e largámos para Madina do Boé. Mais uma vez a Força Aérea tinha deslocado muitos meios para protecção. Estavam sempre no ar a acompanhar a Coluna, dois T6 fora os helis que andavam no seu vai-vem. Chegados ao Cheche junto ao Rio Corubal, encontrámo-nos com um destacamento a nível de grupo de combate comandado pelo Alferes Dinis.

Para a travessia do rio havia uma jangada que levava um carro pesado de cada vez. Nós fomos os primeiros a passar para montar a segurança no outro lado da margem. Por ali passámos a noite enquanto os carros da coluna iam atravessando o rio. No dia seguinte fizemos a pé o percurso até Madina do Boé. Foram 40 kms. Aquela estrada parecia um cemitério de Unimog e de GMC. Até Madina havia para cima de 15 carros destruídos por efeito das minas. Geralmente o carro da frente nas colunas, era o chamado rebenta-minas. Ia cheio de sacos de areia para absorver a onda de choque da explosão da mina. O condutor, um voluntário, ia por sua vez sentado em cima de um saco de areia. O problema às vezes era a falta de protecção das pernas.

Logo de manhã um T6 que nos sobrevoava avisa-nos que havia IN à frente e portanto que devíamos ter cuidado. Por aqueles lados a vegetação era pouco densa e não havia população. Em determinada altura sofremos um ataque de abelhas do mato. Foi terrível! O Alferes Rijo foi o mais massacrado. As abelhas não o largavam, ele bem pedia ajuda mas ninguém se aventurava. Coitado, mal recomposto lá continuou. Bem podia ter pedido uma evacuação mas não o fez.

À medida que o dia ia avançando, o cansaço, a fome e a sede iam dando cabo de nós. A noite começou a cair e, tal como é costume em África, caiu depressa. Foi nesta altura que nos começámos a desagregar, uns paravam outros não e foi assim que começámos a entrar no quartel de Madina do Boé. Entrávamos em pequenos grupos. Se o inimigo andasse por ali, tinha-nos apanhado à mão. O Capitão José Aparício que comandava o aquartelamento foi-nos espalhando pelos abrigos, recomendando para só nos deslocarmos entre abrigos pelas valas que por lá havia. Como a cozinha já tinha sido desmantelada deram-nos apenas uma sopa que nos soube muito bem. Os abrigos onde dormimos no chão eram muito abafados devido a ter umas aberturas muito pequenas. Mais uma noite de primeira. No dia seguinte e com a luz do dia é que nos apercebemos dos pormenores daquele aquartelamento. Eles viviam como toupeiras. As partes laterais dos abrigos tinham uns troncos de palmeiras deitados para se proteger quando respondiam ao fogo em caso de ataque. Estes troncos estavam todos queimados por cima. Nos ataques mais prolongados que tinham tido e que foram muitos, as armas faziam tanto fogo e ficavam tão quentes que queimavam os troncos de palmeira.

Ainda rebentados da véspera não nos deram descanso e lá nos mandaram ainda mais para sul, para fazer protecção avançada. Ali passámos 24 horas, tempo necessário para as viaturas chegarem e serem carregadas com tudo o que a Companhia tinha. Estas 24 horas foram passadas no maior silêncio pois o inimigo andava por perto. No nosso rádio bem os ouvíamos em francês a incitar-se para nos atacar. No exterior e à volta de Madina do Boé

havia vários abrigos feitos e utilizados pelo inimigo, para estar mais protegidos quando lançavam qualquer ataque ao aquartelamento de Madina.

Por fim veio o regresso. De madrugada deram-nos ordem para fechar a coluna que já estava a serpentear a estrada. Se a nossa Companhia fechava a coluna, o meu grupo de combate foi o último. Foi assim que a posição de Madina do Boé foi abandonada. A nossa progressão até ao Rio Corubal, os mesmos 40 kms, foi novamente penosa embora não tão perigosa uma vez que íamos todos em bloco. Recordo-me que a coluna à vinda tinha levantado várias minas e curiosamente no regresso levantaram-se mais umas tantas, lá colocadas entretanto pelo inimigo.

Estacionámos na margem sul do Rio Corubal, nós e a Companhia de Madina, durante toda a noite para protecção. Durante a noite a jangada foi transportando para a outra margem todas as viaturas. Já de madrugada e passados todos os carros, foi a nossa vez de atravessar o rio. Como tínhamos por hábito rodar as nossas posições assim que parávamos, a nossa Companhia passou para a frente da de Madina e o meu grupo de combate por sua vez passou para a frente da minha Companhia. Com o meu grupo de combate na frente, a Companhia dirigiu-se para a jangada para fazer a travessia. A jangada já estava praticamente cheia e só coube o meu grupo. Para trás ficaram dois grupos da minha Companhia e toda a Companhia de Madina. Durante a travessia aproveitámos para nos lavarmos um pouco e encher o cantil de água. Uma vez terminada a travessia a jangada regressou para ir buscar o resto do pessoal. Como ninguém quis ficar para trás, entre os que estavam do outro lado do rio entraram juntos na jangada para a última travessia. Aqui facilitou-se. Eu estava do outro lado e assisti a tudo. A jangada ainda a poucos metros da margem adernou para um dos lados e atirou à água vários rapazes. Por falta de peso de um dos lados a jangada adernou de repente para o outro lado atirando outros tantos rapazes à água. Depois disto a jangada ficou meio submersa. A meu lado estava um Major que deitou as mãos à cabeça e disse: Deus meu! Como não vi ninguém a gritar ou a esbracejar, pensei para mim que talvez se tivessem afogado um ou dois rapazes. A jangada que estava de reserva foi por duas vezes buscar o pessoal. No Cheche estavam no chão dois helis que levantaram vôo, nada podiam fazer ou ajudar.

Uma vez formadas as Companhias é que demos conta da extensão da tragédia: 45 homens afogados de ambas as Companhias. Com as botas, o peso da cartucheira, das granadas e ainda a responsabilidade de não perder as armas, aqueles rapazes à medida que iam entrando na água iam logo para o fundo, agarrando-se uns aos outros. Pelo menos um dos rapazes da nossa Companhia estava em França a trabalhar e regressara a Portugal só para cumprir o seu dever. Ali ficou.

A minha mãe assim que soube da notícia associou com o meu aerograma e ficou muito aflita. Telefonei-lhe de Nova Lamego para a descansar. Acabada esta operação, quiseram responsabilizar pelo sucedido o Capitão Aparício e o Alferes Dinis. Quem lá estivesse tinha feito o mesmo. Só quem está metido nelas é que sabe da sua vida.

*Acho que as ambições do Brigadeiro Spínola aqui funcionaram em pleno. Ele não quis ficar com aquela nódoa na sua folha de serviço, pois já devia aspirar a vãos mais altos, com Caetano no poder e Tomás no fim de um mandato.*

*Deixo aqui um pormenor que dá bem a ideia das voltas que o mundo dá. Na sequência do 11 de Março de 1975, Spínola segue para o Brasil, exilado. Com o General Eanes na Presidência é combinado o seu regresso a Portugal. Quem é que o vai buscar ao aeroporto? O Ten Cor Aparício, Comandante Distrital da PSP de Lisboa. Acasos do Destino.*

*Regressámos à nossa rotina das tabancas em autodefesa.*

*Foi nesta altura que meu pai me foi visitar à Guiné. Como tinha muito medo de andar de avião seguiu de barco. Era um barco misto de carga e passageiros, e por esse facto ainda parou em Cabo Verde. A muito custo consegui uma licença para, a pretexto de ir tratar de assuntos da Companhia, estar uma semana em Bissau com ele.*

*Tanto o Brigadeiro Nascimento como a sua mulher Sra Dona Beatriz, que foram uns pais para todos os rapazes de Oeiras, tinham em sua casa um quarto para lá ficarmos. Fizémos cerimónia e instalámo-nos no Grande Hotel. Nunca tinha estado a sós com o meu pai tanto tempo. Conversámos muito naqueles dias. Durante esta semana fomos visitar no Palácio o Ten Cor Pedro Cardoso, Secretário Provincial. Recebeu-nos muito bem, era uma simpatia. O meu pai tinha relações de amizade com o pai dele. À saída o meu pai deixou um cartão de cumprimentos ao Sr. Governador. Meu pai muito gostava destas cortesias.*

*Como eu tive de regressar entretanto ao mato e o avião para Lisboa era apenas duas vezes por semana, o meu pai ainda ficou no Grande Hotel mais dois dias sozinho. Valeram-lhe a amizade e a companhia do casal Ten Cor Pedrosa.*

*Como disse atrás, o meu pai tinha muito medo de andar de avião e por isso andei à procura de alguém conhecido que fosse no mesmo vôo e lhe fizesse companhia. Achei um rapaz amigo que também ia e, como na altura os lugares no avião não eram marcados, pedi a este amigo que lhe arranjasse um bom lugar no avião e o acompanhasse na viagem. Assim o fez.*

*De regresso ao mato enviaram-nos para outra tabanca, com a missão usual de a ordenar e armar em autodefesa. Já estávamos treinados mas nunca gostei deste trabalho. Esta tabanca ficava numa zona de paz a sul de Bambadinca. Ao todo fiz este trabalho em quatro tabancas.*

*Um belo dia vou à sede do Batalhão buscar mantimentos e cruza-me com o Comandante que me dirige esta pergunta: você pode reforçar um aquartelamento uma vez que a Companhia que lá está vai fazer uma operação? Eu respondo-lhe: meu Comandante, mesmo que eu diga que não posso o Senhor manda-me na mesma, portanto diga quando nos quer lá. Poucos dias depois para lá fomos, o local ficava a sul da tabanca onde estávamos, na estrada que ia ter à Mata do Fiofioli. A Companhia foi fazer a sua operação e nós por lá estivémos a fazer de baby-sitter.*

*Terminado o serviço regressámos e Nossa Senhora nos valeu novamente. Saímos do aquartelamento de madrugada e passados uns 200 metros, ao começar a descer um relevo da estrada no cimo da subida à nossa frente, dá-se um grande rebentamento e surge um grande tiroteio. Eu ia logo à frente, atrás dos picadores (picadores eram os rapazes que iam à frente com umas varas, com um ferro na ponta para picar o chão à procura de minas), e deito-me imediatamente para o chão. A árvore atrás de mim fica toda picada com tiros do inimigo. De repente noto que algo se passa de estranho, que havia outro tiroteio cruzado. Então o que se passara? Vinha na estrada em sentido inverso ao nosso uma secção de Milícias Nativas. O inimigo tinha na estrada uma mina comandada e montara uma emboscada. Como eles chegaram primeiro à mina, foram eles a apanhar com a metralha. Resultado: três mortos e três feridos graves evacuados de heli. Se tivéssemos sido nós a lá chegar primeiro, tinha apanhado eu e os picadores com aquela mina. Durante toda a tarde andei com o caixão daqueles rapazes no Unimog para os entregar às famílias. Ao fim do dia, por causa do calor o sangue ainda não tinha coagulado. Voltámos à nossa rotina das tabancas em autodefesa, de que o Capitão muito gostava. Deste modo tinha a Companhia dispersa e pensava que não nos chamavam para operações a nível de companhia.*

*Das muitas colunas que fazíamos de Galomaro a Bafatá ou a Bambadinca, há duas que me ficaram gravadas na memória.*

*Aquele itinerário não tinha qualquer perigo, era uma zona perfeitamente em paz. Geralmente ao lado do condutor segue o militar mais graduado. Um dia segue connosco o Capitão Portugal e como era o mais graduado dei-lhe o lugar ao lado do condutor. Recusou e disse para ir eu nesse lugar e ele seguiu no banco traseiro do Unimog. Um dos outros encantos de África é o convívio. Passamos a ser bons contadores de histórias. Como não há distrações é o convívio que prevalece. Histórias e episódios havia-os para todos os gostos. A televisão e as novelas não só mataram o convívio familiar como mataram também o convívio e as tertúlias de café. O nosso Capitão Portugal contou-me ele, tinha estado no Comando Distrital da PSP quando foi lançada a multa ao peão em Lisboa. Sim, quem atravessasse uma rua sem ser nas passagens de peão pagava uma multa de 2\$50. Isto talvez se tivesse passado no ano de 1955. Era um pouco caricato. As histórias da reacção de cada um eram sensacionais. Houve um senhor, contou ele, que ao ver-se confrontado com a multa de 2\$50 pediu ao polícia para lhe vender toda a caderneta das multas. Cada um reage de forma diferente às situações que se deparam e estas variam também consoante o momento.*

*O nosso Capitão não tinha carta de condução mas não se confessava. A muito custo conseguiu arranjar um jeep para andar nas suas voltas em Galomaro. Numa ida a Bafatá ele lembrou-se de ir a conduzir o Unimog e eu seguia ao lado. Surge uma curva ele não abrandando, o carro foge-lhe entra terra dentro e vira-se sobre o meu lado. Por esse facto não consigo saltar. Agarro-me ao banco e baixo-me. Como os taipais eram mais altos, Nossa*

*Senhora me salva. Atrás nos bancos, que estavam montados costas com costas, seguiam vários militares. Todos saltam excepto o Furriel vaguemestre. Teve medo não saltou, o carro passa-lhe por cima e parte-lhe a coluna. Segue para Bissau em heli mas vem a falecer no dia seguinte. Como a Companhia ficou sem vaguemestre eu cedo um Furriel do meu grupo, o Ferreira, e o Cândido que era do Alferes David vem substituir aquele. Fiz uma grande amizade com o Cândido que era de Beja. Terminada a Comissão convidei-o para vir trabalhar comigo. Ainda estamos juntos. Ele é o responsável pela minha fábrica. É uma jóia de rapaz, posso confiar-lhe tudo e ele pode contar comigo seja para o que fôr. Já vai para 27 anos que trabalhamos juntos sem nunca ter havido qualquer atrito.*

*E chegou a altura das minhas férias. Eu recebia ao todo 6.600\$, dos quais ficava na Guiné com 2.200\$ e ainda me sobrava dinheiro pois não havia onde gastar. Os restantes 4.400\$ ficavam em Lisboa e o meu pai ia levá-los à Estefânia. Nessa altura o bilhete de ida e volta a Lisboa, na TAP custava 4.000\$. Pedi dinheiro ao meu pai, fiz a marcação das passagens no Sr. Palma, o representante da TAP em Bissau. De Bafatá para Bissau fui na TAG. Ainda na pista e antes de embarcarmos no Heron diz-me um rapaz que também seguia para Bissau, que aquele avião, embora de alta segurança e usado para transporte do Eisenhower durante a guerra, tinha grande turbulência mesmo com céu limpo. Julguei que ele brincava; disse-me depois que era da PIDE. Mas era verdade: de Bafatá para Bissau aquele avião parecia um canguru. Chegado a Bissau instalei-me no Grande Hotel para no dia seguinte de madrugada apanhar o avião para Lisboa. Com a excitação das férias nada dormi naquela noite. De madrugada levantei-me e tomei um táxi para o aeroporto de Bissalanca.*

*Conforme disse atrás, a TAP só ia a Bissau duas vezes por semana. Quando ia, era o dia do São Boeing. Toda a gente que prestava serviço em Bissau ia ver o avião para ver quem chegava e quem partia, e encher os olhos com as meninas da TAP.*

*Já sentadinhos no Boeing 727, voámos para Lisboa. O voo durou 4 horas que nunca mais passavam. A alegria e a excitação eram tantas que a bordo fechavam o bar. Vim a saber depois que isto era hábito especialmente nos vãos da Guiné. Curiosamente depois do bar ter fechado, nós que já estávamos um bocado apanhados pelo clima continuávamos a tocar nas campainhas do avião, mas sem sucesso. Nesta altura dirijo-me ao que eu julgava ser um comissário e digo-lhe que não são formas de tratar o pessoal que estava no buraco. Era co-piloto o Ricardo Silva Pires e caímos nos braços um do outro. Hoje é um prestigiado comandante da TAP. Eu vivi até aos meus 10 anos na Rua João Penha em Lisboa e ele vivia mesmo do outro lado da rua. Chegava-se a casa dele através de umas escadinhas onde julgo que hoje há um bar. Todos os dias o pai dele que trabalhava na Papelaria Fernandes nos levava para o Liceu Pedro Nunes. Depois de dormir um pouco para pôr em ordem o equilíbrio, chegámos por fim a Lisboa. Passada a alfândega, depois de termos escondido as garrafas de whisky que custavam 75\$ na Guiné, lá estava toda a família e os amigos. Naquele tempo era assim. Menciono apenas alguns: a família Albarraque, Cardoso de*

*Oliveira, Campos Rodrigues e Palma Carlos. Meu pai mostrou-me o relógio dele. Desde a sua estada na Guiné ainda não tinha mudado as horas do relógio. Ainda não se tinha desligado da sua estadia em Bissau. Foi uma grande alegria ir para casa, tomar banho, dormir na minha cama, comprar o jornal que subira de preço para 1\$50 e poder sair à rua sem perigo. Foram quatro semanas estupendas passadas no mês de Maio. A 5ª e última semana já não sabia ao mesmo. Comecei a contar os dias e novamente recomeçava a ansiedade. No princípio de Junho, à 1 da manhã regresssei no mesmo avião da TAP.*

*Durante estas férias morre a minha avó Ana que vivia connosco. Parece que estive à minha espera. Era uma Senhora muito especial, não sabia dizer mal de ninguém. Embora tivesse ficado privada de sair por efeito de uma trombose que tinha tido, tinha o quarto sempre repleto de visitas. Sempre foi assim toda a vida.*

*No aeroporto outra vez as despedidas mas já não íamos para o desconhecido, já sabíamos o que nos esperava. De novo a família e os amigos de sempre a despedir-se de nós. Vim depois a saber que depois de eu entrar para o avião, pois naquela altura assistia-se a tudo do varandim do 1º andar do aeroporto, o meu pai ficou agarrado a uma coluna, a chorar como uma criança. A viagem de regresso nada tinha de alegre. Dormi até chegarmos a Cabo Verde de madrugada, para uma escala do avião. Comandava o avião o comandante Simões, visita de sempre da família amiga Simões de Almeida e Palma Carlos, relações que já vinham do tempo dos meus avós.*

*Aterrámos em Bissau como uma pedra. Dizem que são as melhores aterragens pois as más são aquelas que nós não sentimos. É como as granadas e os tiros: os que nos são destinados, não os sentimos. Aberta a porta do avião saímos sem pressa. O calor e a humidade eram tantos que parecia que estávamos a entrar numa casa de banho onde alguém tivesse acabado de tomar um banho muito quente. Desta vez não fui para o Grande Hotel mas antes para uma cama que o João Saldanha me arranjou em casa dele.*

*Apresento-me no Quartel General e, por razões de que já não me recordo, perco a ligação aérea militar para Bafatá. Era um Dakota que fazia esse serviço. Como não havia outro transporte tão cedo peço ao Alferes Bobone, que estava a tirar o brevet, para me levar a Bambadinca que eu lhe pagava o tempo de vôo do Aeroclub, que era barato. O Bobone era Chefe de Gabinete do Brigadeiro Spínola portanto só me podia levar à hora do almoço que, em Bissau tal como em toda a África, tinha a sesta como complemento. Fui almoçar a casa dele pois ele tinha lá a mulher e seguimos para o aeroporto onde nos aguardava o instrutor que também seguiu. O avião era um Auster, avião de três lugares forrado a lona. Lá fomos, eles à frente e eu atrás a ver se tudo corria bem. Voámos alto para não termos surpresas e como o avião é lento no ar parecia que estávamos parados. Ao fim de meia hora aterrámos em Bambadinca na pista de terra batida. Tudo bem.*

*A chegada de um meio aéreo numa terra aonde não acontece nada, é sempre um acontecimento. Fomos para o bar tomar one for the road. Depois das contas feitas e das*

*despedidas o Bobone meteu-se no Auster para regressar mas o motor não pega. Que se passa?*

*Ligámos para Bissau via rádio e o chefe instrutor do Aeroclub, entre muitas coisas diz para vermos se os cabos que ligam os borries da bateria estavam bem apertados. É claro que não, estava um solto. Foi apertado e lá seguiram. Spínola deve-lhe ter puxado as orelhas pelo atraso. Um dos nossos passatempos nos períodos de pausa era contar histórias. O Bobone contou que um dia Spínola sentou-se na sua mesa de trabalho e com o braço atira tudo o que estava em cima da mesa para o chão. Depois respira fundo e diz: vamos trabalhar. Coitado, era o peso da responsabilidade e era o feitio de quem se preocupa. Foi por esse seu feitio que mais tarde o apanharam. Não era uma pessoa fria. Spínola era sem dúvida um bravo. Os pilotos de heli não gostavam de voar com ele. Se ele via uma aldeia mandava o piloto descer, fazia uma alocução à população e seguia. Não se importava se a aldeia era controlada por nós ou pelo inimigo. Almeida Bruno passou as passas do Algarve com ele por causa destas incumbências. No funeral do Brig Nascimento no Cemitério dos Prazeres, o Brig. Spínola aguentou estoicamente a carga de água que caiu aquando das cerimónias. Não vacilava.*

*Estamos em Junho, regresso à rotina de tabancas em autodefesa chega o primeiro correio e nesse correio vem uma carta de meu pai e outra de minha mãe muito estranha que diz: o teu pai está melhor. Esta era portanto a segunda carta de minha mãe, pois por capricho de destino a primeira ficou para trás. Sigo de imediato para Bafatá, o único local de onde se podia telefonar para Lisboa. Depois de longa espera consegui falar com a minha mãe. Naquela época pedia-se o número e as centrais manuais iam pedindo sucessivamente o número até ao destino e por fim diziam "está ligado". A minha mãe contou-me então a triste história. Meu pai passados dias após a minha partida teve um acidente vascular cerebral. Entrou em coma e veio a falecer. Eu julgava que era coisa que não me podia acontecer e ainda hoje acho que é mentira. A nada assisti.*

*Eu estava na altura em Galomaro juntamente com uma Companhia de pára-quedistas. O Major Pardal dirige-se a mim, passa-me a mão pelas costas e diz-me: o teu pai acabou de falecer, o Brigadeiro mandou um heli buscar-te, reservou o lugar do Governador na TAP e tens na Repartição de Pessoal uma licença para seguir viagem. Devo gratidão a todos estes amigos. Foram horas muito difíceis.*

*Chego a Bissau no heli e vou para o Grande Hotel, para embarcar para Lisboa no dia seguinte. À noite vou jantar com o Francisco Ramos. Eu, que não sou de muitas falas, não me calo durante o jantar. Era uma realidade que eu não queria aceitar. A viagem de avião foi um martírio. Da tristeza para o que ia e de alívio por folgar durante um tempo o buraco da Guiné. Chego a Lisboa e vejo a minha mãe toda vestida de preto como nunca a tinha visto. O funeral já se tinha dado. Vou para casa e esta parecia vazia. Ainda assisti à Missa de 7º dia na Igreja de São Nicolau. A Igreja ficava por cima da casa comercial que o meu pai tinha na Rua da Prata. A Igreja estava repleta, embora a família não estivesse*

completa. Passados dez dias estou de regresso àquele inferno. Ao Alferes David, passados meses sucedeu-lhe a mesma coisa. Perdeu o Pai em circunstâncias idênticas. Houve muitos casos destes.

Mais uma despedida no aeroporto e uma viagem sem história, toda feita de noite com a habitual escala em Cabo Verde.

Regresso de novo à rotina de tabancas em autodefesa.

A Mata do Fiofioli era uma mata bem controlada pelo inimigo. Era um tufo rodeado de bolanha por todos os lados, fazia lembrar uma ilha.

Para se desalojar o inimigo preparou-se uma grande operação prevista para durar oito dias, com várias Companhias envolvidas. Todo o abastecimento tinha de ser feito por heli. E lá fomos mais uma vez. Houve um dia que os helis não conseguiam descer para nos abastecer de água devido à vegetação densa. Passámos muita sede. Nesse dia tivémos de beber água de um charco lamacento. Como? Tirámos o quico, nome que dávamos ao boné que estava todo sebento, enchêmo-lo de lodo e por baixo íamos apanhando a humidade às gotas. Só acredita quem por lá passou. Para as operações é costume contratar carregadores locais para nos levar água adicional e munições. Habitualmente não fugiam e era uma forma de dar trabalho na região. Por vezes a verba disponível para estes serviços era gasta em falsos contratos e eram os Soldados que tinham de carregar com o peso. Estas operações mais compridas eram muito penosas e assim eu por minha conta contratava um carregador para me levar a arma, bebidas e comida adicional. O que mais apreciávamos comer no mato era a fruta em calda. Era refrescante e o sumo tinha o açúcar necessário para nos dar as forças suficientes para a caminhada. Por desidratação, em cada operação perdíamos sempre vários quilos. Fomos para a operação que se previa difícil e penosa. Logo à saída o Capitão teve um ataque de asma e acabou por não ir. Aquilo ficava longe. As baixas até ao fim da operação foram muitas, umas por exaustão outras por oportunismo. Um dos meus rapazes que transportava o cano da bazuca, a meio da operação quando passou por perto de um heli meteu-se nele para ir embora, deixando no chão o tubo abandonado. Para esta operação fomos munidos com redes para nos proteger das abelhas. Largámos para a operação e depois de caminharmos durante muito tempo estacionámos à noite em frente à Mata do Fiofioli antes da bolanha, para nos preparar para o ataque. Ao pé do meu grupo de combate estavam os Ten Cor Hélio Felgas e Banazol que acompanhavam a operação connosco.

No dia seguinte de madrugada partimos rumo ao desconhecido. Atravessámos a bolanha e nada. Entrámos na Mata e nada. Por fim entrámos no aldeamento inimigo que estava vazio. Toda a população tinha fugido. As casas eram boas, todas escondidas debaixo das árvores para não ser vistas pela Força Aérea. De lá trouxe um livro do inimigo que ensinava as crianças a ler. Depois foi o regresso. Mais uma penosa caminhada. Os helis andavam no seu vai-vem abastecendo-nos de água e rações de combate. Tínhamos de ser nós os Oficiais

*a tomar conta da água e a distribuí-la por todos igualmente. Os helis eram assaltados se não tivéssemos organizado este sistema.*

*Continuámos o caminho de regresso e tivemos uma pequena troca de fogo com o inimigo e, em simultâneo, um ataque de abelhas. Pusemos as redes na cabeça e continuámos a andar. O nosso medo das abelhas era maior que o medo do fogo do inimigo. Eu também fui evacuado. A Companhia terminou esta operação com muitas baixas para desespero do Capitão. E novamente retomámos a nossa rotina nas tabancas em autodefesa.*

*Regressamos à rotina. Vivíamos pois no meio da população e nunca tivémos qualquer tipo de problemas. Em que condições íamos para lá? Aos Soldados era-lhes dado um colchão pneumático Repimpa de côr verde-tropa igual aos que se utilizam na praia. As formigas baga-baga tinham umas tenazes que chegavam a ferir. Resultado: no dia seguinte o colchão estava furado, o ar ia-se e os rapazes passavam a dormir no chão. No que me diz respeito levava a minha cama, colchão, mosquiteiro, frigorífico e cimento que roubava ao Furriel Tavares para pavimentar a tabanca onde ia dormir. No exterior desta colocava um tambor aberto para receber água e com duas esteiras, uma no chão e outra lateral, fazia uma casa de banho onde diariamnete ao fim do dia tomava o meu banho e fazia a barba. Junto à cozinha fazíamos um forno para cozer pão. Tínhamos sempre pão fresco.*

*Sempre achei que pelo facto de viver nesta adversidade deveria manter uma postura limpa e civilizada. Mudava de roupa constantemente que era lavada por uma mulher local, que dava cabo dela em pouco tempo. Tinham o hábito de lavar a roupa com pedras pois sabão era coisa que conheciam pouco. Todo este serviço era gerido pelo meu impedido, o Figueiredo.*

*Vou contar alguns episódios que se passaram quando estive nas tabancas a nível do meu grupo de combate. Os africanos tinham umas cadeiras de verga compridas, construídas por eles para se estender à porta das tabancas para fumar o seu cachimbo. Com o incómodo do calor era também estendido numa daquelas cadeiras que eu arranjava posição para ler. Um dia estava eu numa dessas cadeiras debaixo de uma árvore à sombra a ler, quando de repente vejo o que me parecia uma folha muito verde a mexer-se com o vento. Fixo melhor a vista e então o que era? Uma serpente muito verde que não tinha mais de um palmo. Vinha na minha direcção ou na direcção da árvore. Dou um salto. O cozinheiro que passava ali por perto assistiu à cena, vai buscar a G3 e com um único tiro corta a cobra, que já estava em cima da árvore, em dois. Com este alvoroço aparecem uns africanos que logo explicam: é a serpente mais venenosa que há! Quando os africanos sobem aos coqueiros e vêem lá uma atiram-se ao chão pois preferem partir uma perna do que ser picados por ela. Nunca vi ninguém com mais pontaria do que aquele rapaz que fazia de cozinheiro.*

*Na cozinha tínhamos além do cozinheiro o adjunto que ia rodando. Um dia calhou a vez a um rapaz a quem chamávamos de picapau. Já estava bem apanhado pelo clima. Quando havia galinha ou frango para comer o nosso picapau primeiro depenava o bicho e só depois é que lhe cortava o pescoço. Como as nossas ementas não variavam muito resolvi uma vez*

por minha iniciativa comprar uma vaca. Além de ser uma distração era uma oportunidade de comermos uns bons e belos bifés. Os Soldados muito gostaram deste programa, lá mataram e cortaram o animal. Comemos umas belas refeições e ainda sobrou muita carne que foi guardada cuidadosamente no meu célebre frigorífico de campanha.

Neste entretanto passa pela nossa tabanca uma Companhia de pára-quedistas que vinha com dois grupos de combate. A solidariedade em África é ou era uma coisa que só vista. Fizemos pão e demos de comer a toda aquela gente, quando no fundo nós éramos bem menos do que eles. Verdade se diga que o Capitão daquela companhia me recebeu na base dos páras em Bissau, como um VIP. Tinha o sentido da gratidão.

Enquanto estivemos a nível de grupo de combate, por sugestão de um dos meus Soldados começámos a rezar o terço diariamente. O meu grupo de combate foi o único que não teve baixas.

Aproximamo-nos do segundo Natal passado na Guiné. À medida que o tempo passava parecia que os dias custavam mais a escoar e começava a crescer em nós a ansiedade do tempo passar mais depressa. Foi um Natal sem história.

As saudades de casa vão-se avolumando. Surgem em Janeiro as últimas férias. Estas férias não têm história à excepção de um caso que se passou em Bissau. Encontro um grande amigo meu o Zé Espírito Santo, que estava instalado na Casa Gouveia pertença de sua família, em trânsito para o mato. Foi uma festa. Nunca mais o vi. Deve ter passado um mau bocado na voragem do 25 de Abril.

No regresso destas férias a Sra Dona Beatriz Nascimento convida-me para ir jantar a casa dela. Muito atrapalhado me senti naquele jantar pois quem estava à mesa além do dono da casa? Do QG estava quase todo o Estado-Maior e do Comando-Chefe o Brig Lopes dos Santos. Estava também presente o Padre Pedro Gamboa Capelão Militar. Reconheceu-me. Ele tinha sido o orientador espiritual no agrupamento de escoteiros onde eu tinha andado. Este agrupamento estava instalado numa garagem do Palácio do Conde de Rio Maior, que gentilmente no-la cedeu, na Rua das Portas de Santo Antão logo depois do Ateneu. Terminado o jantar e o serão o Brig Lopes Santos levou-me até ao Grande Hotel. Era e é uma simpatia. De caminho vai-me dizendo que na semana anterior tinha ido de heli visitar uma terra chamada Dulombi. Mais nada me acrescentou. Deixa-me à porta do Hotel e eu fico à espera na beira do passeio que o senhor se afaste. Qual o significado do que me disse de ter ido a Dulombi? Qual era a situação?

Passados anos o meu cunhado António Brás Teixeira é convidado para ir como Director para um Banco em Moçambique. E lá seguiu ele, a minha irmã e os cinco filhos. Foram como se diz à Senhora da Asneira. Tudo lhes correu mal. A minha irmã perdeu dois filhos em Lourenço Marques. Um à nascença e outro com poucos meses de idade. Quiseram fazer de África terra pagã após a descolonização, mas África está cheia de cristãos. Ainda guardo as cartas que os meus sobrinhos me escreveram. Eram uma delícia. Ou seja, eles ditavam e a minha irmã escrevia. Ao fim de algum tempo o meu cunhado foi convidado pelo

Governador, ao tempo o Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, para Secretário Provincial. A tomada de posse foi no Salão Nobre do Ministério do Ultramar sendo o ministro o Dr Silva Cunha. Na cerimónia de posse estava presente o Brig Lopes dos Santos então Governador de Cabo Verde. Acabados os discursos, as assinaturas e as cortesias, vou cumprimentar o nosso Brigadeiro que exclama: olha o Alferes de Dulombi! Que memória.

Voltemos à situação de expectativa em que o Brig Lopes Santos me deixou por causa de Dulombi. Como Madina do Boé tinha sido evacuada, a metralha que o inimigo lá descarregava tinha de ser usada noutra sítio. Assim a zona de Galomaro que era perfeitamente pacífica deixou de o ser. Para lá tinha ido uma Companhia de pára-quedistas para reforçar a zona e manter o inimigo à distância.

Estávamos em Fevereiro de 1970 e contávamos, por tudo o que já tínhamos passado, ir para os arredores de Bissau, para o descanso pois a nossa comissão terminava em Maio. Dulombi ficava a sul de Galomaro. Será que ainda tínhamos de ir para lá? Passado pouco tempo de chegada à Companhia surge ordem para seguir para Dulombi, para instalar um aquartelamento. A desmoralização foi muita. Íamos para pior e bem pior.

Dulombi era uma tabanca que já não tinha população e ficava a sul de Galomaro. Assim que lá chegámos rodeámos o perímetro com arame farpado e começámos a fazer os abrigos onde passámos a dormir. Passámos à condição de toupeira. Os abrigos eram feitos da seguinte maneira: abre-se uma cova até à altura da cintura. Depois cobria-se a vala com troncos de palmeiras. Em cima destas colocava-se a chapa dos tambores que abríamos. Por fim colocávamos terra. Era um sufoco ali em baixo! Foi ali que, tal como os presos, comecei a contar um a um os dias que faltavam para vir embora. O Capitão que não estava para dormir no chão, fez um bunker em cimento só para ele.

Vou contar alguns episódios que por lá se passaram. Tínhamos acabado de chegar, eu ainda estava a dormir numa tenda de campanha pois os abrigos ainda não estavam prontos. Estava eu deitado a meio da tarde e lá fora havia alguns Soldados a jogar à bola no meio do recinto. Nisto, surge um ataque feroz. Entro de imediato para o abrigo e começamos a responder ao fogo. Mesmo ao meu lado estava um tambor de ferro cheio de água. Durante a excitação do ataque apercebi-me que houve uma granada que rebentou muito perto de mim. Quando a calma regressou reparei que o tambor estava todo furado pela granada do RPG-7 que o IN tinha atirado. Nossa Senhora mais uma vez me valeu. Se aquele tambor não estivesse ali era eu que tinha apanhado com todos os estilhaços. Neste ataque um dos meus Soldados ficou ferido com alguns estilhaços. Foi evacuado e ao fim de uma semana já estava de volta. No Hospital os estilhaços não eram extraídos da carne. Era o próprio organismo que os expelia.

Passámos a ter ataques mais frequentes e dias houve que tivémos dois no mesmo dia. Num desses ataques estava eu só com o meu grupo de combate pois a Companhia tinha saído. Era de dia. O perímetro do aquartelamento era grande e a responsabilidade também. Quis saber se havia homens em todos os lados do aquartelamento. Durante todo o tempo que

durou o fogo percorri o perímetro para ver se tudo estava bem e ainda parei na Messe para ir ao frigorífico beber um pouco de água fresca pois estava sequioso. Regressei novamente à vala. Depois dos primeiros momentos habituamo-nos a estar debaixo de fogo e já não nos ralámos.

Nunca fiz fogo contra o inimigo. Como os soldados não se continham a fazer fogo, achava que mais um não fazia diferença e, no caso do tiroteio se prolongar, ter munições disponíveis podia ser a nossa salvação. Guardei sempre as minhas munições para o fim caso houvesse necessidade. Habituei-me a controlar-me bem nestas alturas. Para explicar melhor o que representa uma reserva de munições vou contar uma história passada com o Alferes David. Estava ele a nível de grupo de combate numa tabanca que estava a ordenar, quando à noite teve um ataque feroz. Chovia que Deus a dava e as valas estavam cheias de água. Começaram a responder ao fogo inimigo sempre debaixo da chuva torrencial. Com a chuva e a lama as armas iam encravando. Por fim só havia uma arma a disparar mas foi o suficiente para o inimigo não avançar. Se aquela arma tivesse encravado tinham sido todos apanhados à mão. Nossa Senhora lhes valeu. Nestas ocasiões dividia-se o trabalho. Uns abriam os cunhetes de munições, outros municavam os carregadores e outros disparavam.

Passados tempos encontrei-me na mesma posição, ou seja só com o meu grupo de combate no perímetro de Dulombi, a Companhia fora e um novo ataque durante o dia. Desta vez estava na Messe e corri para o abrigo de transmissões que era ali perto. Atrás e agarrado a mim veio o Furriel Cabral de etnia papel. Como não tínhamos armas e estávamos no meio do perímetro no abrigo de transmissões, resolvi pedir apoio aéreo. Ao fim de 15 minutos apareceu um Fiat. O fogo inimigo acabou de repente e nunca mais houve ataques ao novo aquartelamento durante o dia.

Como esta zona estava a aquecer foi enviada uma Companhia para nos reforçar e fazer patrulhamento em profundidade, de forma a permitir-nos tomar a iniciativa da ofensiva. Com esta Companhia apareceu um amigo meu, o Kiko Salema de Oeiras. Lá lhe arranjei uma cama para ficar. Como não havia camas e os abrigos estavam cheios tive de arranjar uma solução para o Kiko. Como durante a noite estava sempre um Soldado da sentinela que se ia revezando, aproveitei essa cama para ele dormir. Mas como o Soldado quando regressava tinha a cama ocupada pelo Kiko ia acordar o Soldado que o ia render e deitava-se na cama dele, e assim sucessivamente. Assim durante o período que o Kiko lá esteve, os meus Soldados deitavam-se numa cama e acordavam noutra por efeito da rotação. Tudo se fazia de boa vontade para ajudar o próximo.

De Dulombi tínhamos de ir às vezes a Galomaro para fazer colunas de reabastecimento. Numa dessas colunas saímos de Dulombi cedo e passámos a bolanha que estava logo a seguir ao aquartelamento. Como íamos com os carros vazios passávamos bem por todo aquele lamaçal. No regresso vínhamos carregados, era um inferno. O terreno estava encharcado e os carros enterravam-se. A solução era lançar o guincho, que os Unimog tinham à frente, a uma árvore para com esta ajudar a safar o carro. Havia também muitos

carros que nem com o guincho saíam do lamaçal. Nestes casos tínhamos de descarregar o carro, puxá-lo e carregá-lo de novo. Este episódio podia repetir-se várias vezes. As colunas levavam horas a percorrer poucos quilómetros. Era um desespero. Como os carros resvalavam no lamaçal nem sempre os carros da frente pisavam o mesmo trilho. Nessa coluna à ida não picámos a estrada e à volta detectámos uma mina. Já lá devia estar antes. Nossa Senhora fez com que o carro resvasse e não pisasse a dita mina.

Um dia à noite estávamos a conversar à porta do bunker do Capitão. De repente o Alferes Rijo diz: olha uma estrela cadente. Qual quê! Era a primeira bala tracejante do IN que dava início a mais uma flagelação. Entrámos de rompante pela entrada estreita do bunker do Capitão. Todos quisémos entrar ao mesmo tempo. Lá dentro foi uma risada. Naquela altura não havia cerimónias.

Uma vez que vivemos muito de perto com os Fulas, quero deixar aqui a impressão com que fiquei deles. Gente séria e trabalhadora com hierarquia bem definida e muito respeitada. Eram os homens grandes que em conselho davam as orientações, que eram por todos respeitadas. A religião era muçulmana. Eram também leais e não conheciam a falsidade, a manha ou a velhacaria. No entanto eram supersticiosos. Quanto ao inimigo, os que andavam no mato o comportamento era igual. Estes iam passar férias a Bissau assim como nós íamos à Metrópole. A luta era só no mato não havia a cobardia do terrorismo urbano. Tinham um código de conduta mais digno que muitos ditos civilizados. Contavam-se histórias de entente cordiale com o inimigo. Contaram-me que havia Companhias que deixavam regularmente alimentos em determinados pontos. Por sua vez o inimigo não colocava minas nos itinerários assim como não fazia flagelações ou emboscadas. Não houve outro povo no mundo que se tivesse ligado tão bem com os africanos como nós. O Povo Caboverdeano é bem o exemplo disso. Salazar teve na gaveta da sua secretária o decreto que tornava Cabo Verde em Ilhas Adjacentes. Não o quis fazer ou não encontrou oportunidade.

A moeda circulante na Guiné era chamada o Peso e valia menos 10% que o Escudo. O nome corrente do dinheiro era patacão. Manga de patacão queria dizer muito dinheiro.

A minha comissão aproxima-se do fim. Chegámos à Guiné como rapazinhos e saímos como homens amadurecidos à força da luta pela sobrevivência e desgastes físico e psíquico. O nosso facies torna-se mais carregado e ganhamos uma ansiedade natural pelo tempo que não passa.

Vou dar um exemplo para ilustrar a diferença. Numa operação que fizémos ainda em Mansoa pouco tempo depois de termos chegado, dormimos no mato. O inimigo que andava por perto lançou uma rajada de arma automática sobre nós. Estava inseguro pois não sabia bem a nossa localização. Não respondemos ao fogo. Eu estava a dormir e não dei por nada. No dia seguinte diz-me um Soldado meu: então meu Alferes ouviu as rajadas que eles nos atiraram? É claro que não.

*A dois meses do fim da comissão, como não conseguia dormir capazmente tinha pedido à minha mãe que me enviasse uns comprimidos para dormir. Para descansar tomava dois Mogadans antes de me deitar.*

*Vem finalmente a ordem para o embarque. É uma alegria, é uma satisfação, é um alívio. Seguimos em coluna até ao Xime para embarcar outra vez na LDG para Bissau. Lá estava novamente a Companhia do Xime a fazer protecção lateral na estrada para passarmos em segurança. Assim que entro na LDG e largo o mato de vez sinto uma alegria tão grande, tão grande.*

*A hospitalidade da guarnição foi igual à de ida para cima. Ficámos quinze dias em Bissau à espera do navio para Lisboa. Desta vez fico em casa de outro amigo meu, o Nuno Geraldês Barba. Foi um amigo, como tinha carro emprestava-mo para eu ir tratando dos últimos pormenores para o embarque.*

*No dia do embarque formámos novamente nos Adidos em Brá onde o General Spínola faz o agradecimento e se despede. Nesta cerimónia faz-se a chamada dos mortos. É um momento muito emocionante. À medida que se vai pronunciando o nome de cada um que caiu, nós respondemos: Presente! Uma parte de nós próprios que lá ficou. Porquê aqueles e não nós? Como reagiram os pais daqueles rapazes que não voltaram para casa? A pior coisa que pode acontecer a um pai é perder um filho. Não há nenhum que substitua outro. Vemos hoje os revolucionários da última hora queixar-se de perseguições do regime anterior. Se alguém passou mal com o regime anterior fomos nós e no entanto não nos andamos a queixar por todas as esquinas. Aqueles e mais uns ferrabrazes queria tê-los visto por lá. Do que nos queixamos é que os políticos depois do 25 de Abril entregaram África despidoradamente.*

*Embarcámos no Carvalho Araújo. Navio pequeno e velho. Qualquer coisa servia para sair de lá. A emoção da alegria da largada não tem descrição. À medida que o navio começa a afastar-se daquela terra, a humidade começa a diminuir. O mar estava chão.*

*Como estávamos nós de saúde? Mal. A nossa côr era verde e o nosso cheiro tinha-se alterado. Na Guiné tinha tido dois ataques de paludismo embora tivesse tomado o quinino todas as 5<sup>as</sup> feiras. Os ataques de paludismo deitavam-nos muito abaixo. Primeiro eram uns frios grandes e depois uns calores insuportáveis. A minha úlcera duodenal estava numa lástima. A bordo seguia um médico que nos fez várias análises. Ao sangue, urina e fezes. A bicharada que estava nos intestinos era obra. Tomámos uns purgantes.*

*Como o navio não estava com muito combustível o Comandante resolveu acostar na Madeira para reabastecimento. Aquela ilha é realmente bonita. O Capitão André e eu demos uma volta pelo Funchal num carro militar gentilmente cedido pelo Regimento local. Flores há-as por todos os lados, é um paraíso. Numa dessas floristas comprámos flores para ser entregues em Lisboa. O Capitão André manda à sua mulher com um cartão. Ela estava no fim do tempo para ter uma criança. Eu mando à minha mãe também com um cartão.*

*Do Funchal a Lisboa foi num instante. Começámos a ver terra muito cedo, já estávamos todos acordados e para fazer tempo para o navio acostar à hora certa, ainda fomos fazer um círculo perto do Guincho. Novamente a alegria e a emoção do fim daquele tormento. À chegada estavam lá todos, a família e os amigos, mas o meu pai não estava. Desembarcámos. Mais um desfile e vá de ir para casa. Tudo era diferente. Não só eu me tinha transformado como cá também tudo tinha evoluído. Se me custara passar de civil a militar, o inverso depois de 37 meses de tropa foi também muito complicado. A ansiedade que adquiri no fim da comissão nunca mais me largou. Diminui ou aumenta conforme o cansaço. Está sempre dentro de mim. Quanto a terrores nocturnos, tive-os durante muitos anos. Por causa de ter adormecido profundamente no mato e não ter ouvido os tiros do inimigo, tive pesadelos pela eventualidade de a Companhia avançar e me deixar para trás, só e isolado no mato. Outra situação que me apavorava era a possibilidade de ser novamente chamado para nova comissão como Capitão.*